

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A TEMPORALIDADE DO REINO DE DEUS NA PREGAÇÃO DE JESUS A PARTIR DE ALGUNS PENSADORES DA TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO

The temporality of the Kingdom of God in the prediction of Jesus from some  
thinkers of the New Testament Theology

Evandro Roque Rojahn<sup>1</sup>

### RESUMO

O Reino de Deus (*basileia tou theou*) aparece explicitamente na pregação do Batista. Logo após ser batizado e guiado pelo Espírito Santo ao deserto para ser tentado, Jesus começa seu ministério terreno com as mesmas palavras de João acerca do arrependimento e a preparação frente à realidade da irrupção do Reino de Deus. O próprio Salvador Jesus também ordena seus discípulos de forma semelhante, isto é, indo, deveriam pregar o evangelho da chegada do Reino. Percebe-se inicialmente a especial atenção dada pelo Senhor e pelos primeiros discípulos, bem como João Batista, ao conceito de Reino de Deus e sua recorrência na Teologia do Novo Testamento. A partir disto, para entendermos melhor a temática em pauta, analisamos os escritos de diversos autores, dentre os quais destacamos Roy B. Zuck, Joachim Jeremias e George Eldon Ladd, Rudolf Bultmann e Udo Schnelle, trazendo concepções antigas e atuais sobre o mesmo tema. Percebemos com isso que o reino de Deus é uma das mais importantes mensagens públicas de Jesus e dos discípulos. Este conceito de reino se apresenta ora como presente, ora como futuro. Nossa análise recai principalmente sobre os aspectos temporais do Reino.

**Palavras Chave:** Reino. Domínio. Proclamação. Temporalidade. Novo Testamento.

<sup>1</sup> Evandro Roque é graduado em Artes visuais pelo Centro Universitário Claretiano, graduado em Filosofia também pela mesma instituição, graduando em Letras-Inglês, Bacharel em Teologia pela Filemom Escola Superior de Teologia com Convalidação do Curso pela FABAPAR, Especialista em Teologia do Novo Testamento e Mestrando em Teologia pela FABAPAR. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Rio Branco do Sul. E-mail: [teologiaevandro@gmail.com](mailto:teologiaevandro@gmail.com)

## ABSTRACT

The Kingdom of God (*basileia tou theou*) appears explicitly in the preaching of the Baptist. Soon after being baptized and led by the Holy Spirit into the wilderness to be tempted, Jesus begins his earthly ministry with the same words of John concerning repentance and preparation before the reality of the irruption of the Kingdom of God. The Savior Jesus himself also ordains his disciples in a similar way, that is, by going, they should preach the gospel of the coming of the Kingdom. It is first noticed the special attention given by the Lord and the early disciples, as well as John the Baptist, to the concept of the Kingdom of God and its recurrence in New Testament Theology. From this, to better understand the subject, we analyze the writings of several authors, among which we highlight Roy B. Zuck, Joachim Jeremias and George Eldon Ladd, Rudolf Bultmann and Udo Schnelle. Bringing old and current concepts on the same theme. We realize therefore that the kingdom of God is one of the most important public messages of Jesus and of the disciples. This concept of the kingdom presents itself both as present and as future. Our analysis falls mainly on the temporal aspects of the Kingdom.

Keywords: Kingdom. Dominion. Proclamation. Temporality. New Testament.

## INTRODUÇÃO

Um dos temas mais importantes presente na proclamação pública de Jesus é, sem dúvida, “O Reino de Deus”. Nos escritos de Mateus pode-se encontrar com mais frequência a expressão “Reino dos Céus”, possivelmente por uma preferência do autor. Justamente por ser um tema tão frequente e importante, a compreensão deste pode elucidar o objetivo da missão de Jesus, bem como abalzar o Novo Testamento em geral. O Reino é tema presente principalmente nos Sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas). Para os seguidores e discípulos do Mestre, certamente é assaz importante a compreensão deste tema, bem como aquilo que o Reino pode significar nos discursos atribuídos ao Senhor Jesus.

No Antigo Testamento não é possível encontrar esta expressão, embora o conceito esteja implícito. Algumas passagens<sup>2</sup> sugerem que Deus reina, ou seja, Ele é o Dominador de um Reino. Este Reino é compreendido em um sentido espacial e acrônico. O Reino de Deus é apresentado ao leitor, por meio dos evangelhos, como presente e futuro simultaneamente. É algo que já está entre a humanidade e, ao mesmo tempo, algo que ainda virá. Para entender este aspecto de presente e futuro do Reino, faz-se necessário analisar os escritos de alguns estudiosos do Novo Testamento que ao longo da história pesquisaram e comentaram o texto sagrado. O Reino presente é entendido como atemporal. Para se fazer parte deste reino já manifestado, o indivíduo deve se tornar discípulo de Cristo, assim fará seu ingresso no reino presente. O Reino apresentado como escatológico se refere, segundo os dispensacionalistas<sup>3</sup>,

<sup>2</sup> Êxodo 15.18; 1 Crônicas 16.31; Salmos 93.1.

<sup>3</sup> Muitos teólogos dispensacionalistas chegam à conclusão de que há sete dispensações, isto é: 1. Inocência – que vai até a queda do homem; 2. Consciência – da queda até Noé; 3. Do governo humano – De Noé até Abraão (Gn 8.20-9.27); 4. Promessa – de Abraão até Moisés (Gn 12.1 – Êx 19.8); 5. Da Lei – de Moisés até Cristo (Êx 20.1 - 31.18); 6. Graça- da morte de Cristo até sua segunda vinda (Rm 3.24-26; Ef 3.1-10); 7. Reino – o reino milenial de Cristo na terra (Ap 20.4ss; 2 Sm 7.8-17; Lc 1.31-33). PFEIFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. 13 Impressão. Tradução de Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2013, p. 566.

tanto ao domínio territorial de Deus, quanto escatológico. O reino escatológico é aquele que se revelará ainda em toda a sua plenitude. É no reino escatológico que veremos o Senhor face a face e todas as dúvidas serão esclarecidas. Este reino é eterno.

A Teologia do Novo Testamento abrange os mais diversos temas, cada um com sua complexidade e variedade (como ética, oração, discipulado, etc.). Diversos são os autores que ao longo da história estudaram e analisaram os principais aspectos dessa teologia. Os autores que abalizam esse artigo são nomes que, além de conhecidos e bem conceituados, estão presentes em discussões atuais de Teologia do Novo Testamento. Com base nestes referenciais é possível partir para a análise da contribuição de cada um dentro da perspectiva abordada: os aspectos temporais do Reino apresentados nos Sinóticos.

Os autores analisados neste artigo, são tradicionais em temas neotestamentários (Bultmann<sup>4</sup> e Jeremias<sup>5</sup>), com experiência de análise na Teologia do Novo Testamento (Ladd<sup>6</sup>) e mais contemporâneos e com análises mais pertinentes aos questionamentos levantados no século XXI (Schnelle<sup>7</sup> e Zuck<sup>8</sup>). Outros importantes autores ainda foram deixados de fora, pois

---

<sup>4</sup> Rudolf Bultmann nasceu em 1884, em Wiefelstede, no norte da Alemanha. Filho de pastor luterano e neto de missionário, iniciou seus estudos em Teologia em 1903. Em 1910, defendeu sua tese de doutorado e, em 1912, habilitou-se ao magistério com um estudo em exegese de Teodoro de Mopsuéstia. Em 1916, recebeu convite para docência extraordinária na disciplina do Novo Testamento, em Breslau. Em 1920, tornou-se professor catedrático e, um ano mais tarde, foi para a Universidade de Marburg, onde lecionou até se aposentar, em 1951. Bultmann faleceu em Marburg no ano de 1976, aos 92 anos de idade (BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2008, p. 15,16).

<sup>5</sup> Joachim Jeremias nasceu em 20 de setembro de 1900, na cidade alemã de Dresden. Viveu de 1910 até 1915 na cidade de Jerusalém. Em 1922 e 1923, concluiu seus estudos de Teologia e línguas orientais, com um doutorado em cada disciplina. Em 1925, obteve livre docência na área do Novo Testamento, em Leipzig. A partir de 1935, até sua aposentadoria, em 1968, exerceu a atividade de professor de teologia na Universidade Georgia Augusta, de Göttingen. Faleceu em 6 de setembro 1979, na cidade de Tübingen.

<sup>6</sup> George Eldon Ladd (1911-1982) era um estudioso e professor de exegese do Novo Testamento e Teologia no Seminário Teológico Fuller, em Pasadena, Califórnia. Obra magistral de Ladd, Teologia do Novo Testamento tem servido milhares de alunos do seminário desde a sua publicação, em 1974. Ladd converteu-se ao cristianismo em 1929, depois de ouvir um jovem graduado da faculdade de Gordon pregar em sua igreja. Em 1933, foi ordenado na Convenção Batista do Norte (agora Batista Americana) e pastoreou três congregações. Quando pastoreava na última congregação, Ladd ensinou no Gordon College. Mais tarde, recebeu Bacharelado em Teologia no Gordon College (1933) e participou de Gordon Divinity School. Ladd, em seguida, passou dois anos na Universidade de Boston, antes de se matricular na Universidade de Harvard, onde foi supervisionado por Henry J. Cadbury e recebeu seu PhD em bíblica e patrística grega, em 1949. Juntou-se à faculdade de Seminário Teológico Fuller, em Pasadena, em 1950, onde permaneceu durante os últimos trinta anos de sua carreira acadêmica. Ladd teve um derrame em 1980, e morreu em 1982. Ladd "foi sem dúvida o mais importante estudioso do Novo Testamento sobre o ressurgimento evangélico do pós-guerra na América do Norte.

<sup>7</sup> Udo Schnelle nasceu em 8 de setembro de 1952, em Nauen. É professor do Novo Testamento na Faculdade de Teologia Protestante da Universidade de Halle-Wittenberg e conhecido como o autor de várias obras teológicas. Ele estudou (1974-1979) na Universidade de Göttingen, onde recebeu seu doutorado, em 1981, e habilitado em 1985. De 1986 a 1992, foi professor de Novo Testamento na Universidade de Erlangen-Nuremberg. Desde 1992, ele ensina em Halle. De 2014 a 2015, ele era o presidente do Novo Testamento Research Society Studiorum Novi Testamenti Societas (SNTS).

<sup>8</sup> Roy nasceu 20 de janeiro de 1932, e cresceu em Phoenix, Arizona. Dr. Zuck serviu na faculdade e lecionou em Dallas Theological Seminary, por vinte e três anos, de 1973 a 1996. Logo após o início da sua carreira docente em DTS, ele foi convidado para ser o editor associado da revista teológica do seminário, Bibliotheca Sacra. Ele tornou-se seu editor sênior em 1986 e serviu nessa função até sua morte. Roy B. Zuck, professor emérito

se trata de uma área da teologia demasiadamente grande para encaixar todos os especialistas dentro do espaço de um artigo. Esses autores também foram escolhidos por apresentarem a maior quantidade de material e comentários bem articulados sobre este importante tema que é o Reino de Deus.

## 1. O CONCEITO DE REINO OU REINADO DE DEUS

Para elucidar o uso do conceito de Reino (ou Reinado) de Deus serão utilizadas as ideias e interpretações de Roy B. Zuck, que apresenta uma definição menos abstrata que outros autores, como Schnelle<sup>9</sup> e Ladd<sup>10</sup>, que tentam explicar o conceito ligando-o à pessoa de João Batista, como se ele fosse o elo entre o Antigo e o Novo Testamento, ou ainda que alguns teólogos de diferentes momentos históricos e de concepções teológicas diferenciadas. Joachim Jeremias não define o conceito, apenas indica que a literatura a respeito do termo é rara e escassa. Ele cita os poucos exemplos onde aparece por raras vezes o termo “Reino” de Deus, como, por exemplo, nos livros apócrifos e pseudoepigráficos, Targum, Fílon, Qaddish e em Josefo.<sup>11</sup> Para Zuck, o “Reino” indica um território dominado por um rei incluindo as pessoas que estão subjugadas.

O Reino também pode ser mais dinâmico, indicando apenas autoridade. A ideia de autoridade ligada ao “Reino” abrange os dois testamentos. Esse conceito de Reino como autoridade é mais dinâmico, pois abrange os domínios espiritual e territorial. A palavra “domínio” pode ilustrar esses sentidos, já que pode ser usada tanto para o exercício da autoridade como para a região, ou reino, em que se exerce essa autoridade.<sup>12</sup> É necessário destacar que, embora Zuck utilize a expressão “Reino”, ele entende que “Domínio” seria uma expressão mais adequada, pois indica a soberania divina absoluta e também sugere a presença do Reino nas relações sociais. Reino indica, primeiramente, um domínio territorial, enquanto “Domínio” não está restrito a isso, mas alcança também o reino espiritual, abrangendo tudo que existe nos domínios espiritual e físico.

Com relação à expressão preferida pelo autor do evangelho segundo Mateus, Reino dos Céus, ao invés de Reino de Deus, Zuck apresenta um ponto de vista mais sucinto. Segundo ele, os judeus usavam a voz passiva para descrever atos de Deus como uma forma respeitosa de descrever o que Ele fez, sem mencionar o seu nome. Assim, também a substituição do nome de Deus por “céus”, a moradia do Senhor, é outra forma desse tratamento respeitoso, sendo que essa expressão ocorre apenas no Evangelho de Mateus.<sup>13</sup> O autor do primeiro evangelho demonstra que utiliza “Reino dos Céus” preferencialmente quando, deliberadamente, utiliza

---

sênior da exposição da Bíblia no Seminário Teológico de Dallas e editor da Bibliotheca Sacra, foi estar com o Senhor, na noite de sábado, 16 de março de 2013.

<sup>9</sup> SCHNELLE, Udo. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Monika Ottermann. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010, p. 111.

<sup>10</sup> LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 83.

<sup>11</sup> JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 73.

<sup>12</sup> ZUCK, Roy B. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Lena Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 36,37.

<sup>13</sup> ZUCK, 2010, p. 37,38.

por algumas vezes a expressão “Reino de Deus” (12.28, 19.24, 21.31,43). Portanto, fica evidente que a diferença de nomenclatura é mais uma questão de “preferência que qualquer outra coisa”.<sup>14</sup> A partir disto, é possível concluir que o uso da expressão “Reino dos Céus” é basicamente preferencial – e não envolve outras questões.

Outro ponto que pode corroborar a ideia de escolha preferencial de Mateus por “Reino dos Céus”, ao invés de unicamente “Reino de Deus”, é a quantidade de citações de ambas as expressões. Reino dos Céus aparece 25 vezes em Mateus. Reino de Deus aparece cinco vezes nesse evangelho (Mt 6.33; 12.28; 19.24; 21.31,43), e é largamente utilizada nos demais sinóticos (11 vezes em Marcos e 25 vezes em Lucas) e raras vezes em João (3 vezes, sendo que uma em 18.36 é indireta; “meu Reino”).<sup>15</sup> A expressão “Reino dos Céus” é exclusiva de Mateus e não aparece em nenhuma outra parte do Novo Testamento.

## 2. A IRRUPÇÃO DO REINO NA PROCLAMAÇÃO DE JESUS

Como já foi citado anteriormente, o grande número de vezes que a expressão “Reino” aparece, seja dita por Jesus, seja por João ou outro personagem/escritor, comprova que o tema central da proclamação pública de Jesus é o Reino ou Reinado de Deus. Essa ideia é defendida por Bultmann em sua Teologia do Novo Testamento, onde afirma que o conceito predominante da pregação de Jesus é o Reino de Deus.<sup>16</sup> Sendo que a expressão preferida de Bultmann é “Reinado de Deus”, ao invés de “Reino de Deus”; talvez a escolha de Bultmann seja pela ideia de um Reino pleno onde Deus governa pessoalmente, pelo menos é isso que suas palavras sugerem. Para ele, o Reinado de Deus é um conceito escatológico (algo que foi profetizado que ocorrerá somente no futuro, nos últimos dias) e, baseado na literatura apocalíptica, afirma que esse conceito se refere a “uma esperança que não espera a salvação de uma maravilhosa mudança das condições históricas, políticas e sociais, e, sim, de uma catástrofe cósmica que põe termo a todas as condições do atual curso do mundo”.<sup>17</sup> Essa sugestão de Bultmann sobre a abrangência do Reino e a forma como ele irromperá entra em choque com outras afirmativas suas. Bultmann ignora as afirmativas de Jesus sobre a presença imediata do Reino, por isso entende (equivocadamente?) que Jesus, de certa forma, enganou-se quando o Reino não irrompe como anunciado.<sup>18</sup> Para Rudolf Bultmann, é sob esse conceito que os três primeiros evangelistas resumem sua mensagem.

Joachim Jeremias também escreve no mesmo sentido (escatológico) de Bultmann, mas utiliza um argumento histórico e paralelo aos escritos canônicos, os escritos do judaísmo. Segundo ele, o retorno do Espírito de Santo (após o período de silêncio) se manifesta não só em atos, mas também em palavras de autoridade. Segundo estas palavras de autoridade é que se pode constatar que o tema central da proclamação pública de Jesus foi o Reinado de Deus. A quantidade de vezes que estas formulações aparecem nos sinóticos (e também em

<sup>14</sup> ZUCK, 2010, p. 37,38.

<sup>15</sup> Pesquisa por palavra-chave no Software ABSVD.

<sup>16</sup> BULTMANN, 2008, p. 41.

<sup>17</sup> BULTMANN, 2008, p. 41.

<sup>18</sup> BULTMANN, 2008, p. 60.

João, ainda que em quantidade reduzida) representa a importância do tema central da pregação de Jesus. Esse fato está em forte contraste com o número relativamente pequeno de exemplos no judaísmo contemporâneo e no resto do Novo Testamento.<sup>19</sup>

Segundo esses teólogos, o Reino de Deus é o tema central da proclamação pública de Jesus e também o eixo central dos escritos neotestamentários. Para Bultmann e Jeremias, o Reino não veio<sup>20</sup> como previsto por Jesus. Bultmann entende o discurso de Jesus como apenas um anúncio (que ele denomina Pregação Escatológica<sup>21</sup>) e não como fato concreto. Jeremias parte de um ponto oposto<sup>22</sup> a Bultmann, mas acaba na mesma conclusão: o Reino anunciado e aguardado como uma catástrofe não aconteceu.<sup>23</sup> George Eldon Ladd parte da análise do Reino como tema central e conclui que este Domínio veio na pessoa<sup>24</sup> e mensagem de Jesus e que está entre a humanidade, mas não de forma absoluta, plena e irresistível<sup>25</sup>, antes coexiste com a realidade histórica, de forma discreta e singela.

### 3. A DUALIDADE TEMPORAL DO REINO DE DEUS

No que tange à dualidade temporal do Reino, os autores selecionados são, em sua maioria, unânimes, concordam que a característica principal da pregação de Jesus acerca do Reino é ser este ao mesmo tempo presente e futuro. George Eldon Ladd, após citar algumas peculiaridades das perspectivas teológicas de alguns estudiosos, conclui que: “se há algum tipo de consenso entre a maioria dos estudiosos, este é que o Reino é, em sentido verdadeiro, tanto presente quanto futuro”.<sup>26</sup> Essa dualidade temporal pode ser observada em diversas passagens, como por exemplo: Marcos 1.15, onde se pode ler na NVI: “o tempo é chegado, dizia ele. O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas”<sup>27</sup>, e Lucas 17.20,21: “certa vez, tendo sido interrogado pelos fariseus sobre quando viria o Reino de Deus, Jesus respondeu: O Reino de Deus não vem de modo visível, nem se dirá: Aqui está ele, ou Lá está; porque o Reino de Deus está entre vocês”.<sup>28</sup>

#### 3.1 O Reino Presente

Em Mateus 12.28 se pode ler: “mas, se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o reino de Deus”.<sup>29</sup> O termo grego traduzido para o português

<sup>19</sup> JEREMIAS, 2008, p. 160.

<sup>20</sup> BULTMANN, 2008, p. 61.

<sup>21</sup> BULTMANN, 2008, p. 40.

<sup>22</sup> A Teologia do Novo Testamento de Joachim Jeremias parte na análise de Jesus de Nazaré como pessoa histórica, algo que Bultmann desprezava por completo.

<sup>23</sup> JEREMIAS, 2008, p. 202.

<sup>24</sup> BOST, Bryan J. **O mistério do Reino de Deus**. São Paulo: Vida Cristã, 2007, p. 18.

<sup>25</sup> LADD, George Eldon. **O Evangelho do Reino**: Estudos Bíblicos sobre o Reino de Deus. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2008, p. 57.

<sup>26</sup> LADD, 2003, p. 85.

<sup>27</sup> NVI. **Bíblia do Ministro Com Concordância**: Nova Versão Internacional. Traduzida pela Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2007, p. 797.

<sup>28</sup> Nova Versão Internacional, 2007, p. 837.

<sup>29</sup> ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de estudo Almeida**. Barueri: SBB, 2013, p. 1110.



como “chegado” é φθάνω (*phthano*), que significa vir antes, preceder, antecipar<sup>30</sup>, ou literalmente “chegou”.<sup>31</sup> Jesus relaciona os sinais produzidos por ele mesmo como sendo evidências de que o Reino de Deus chegou. Assim Satanás está sendo destronado<sup>32</sup> e o Reino de Deus chegou na pessoa de Cristo e expande-se cada vez mais.

Com relação ao aspecto preliminar do Reino de Deus como presente podemos ler em Lucas 17.20,21: “Sendo Jesus interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, respondeu-lhes: O reino de Deus não vem com aparência exterior; nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Pois o reino de Deus está dentro de vós”. A preposição εντος (*entos*<sup>33</sup>) significa tanto “dentro de vocês” como “entre vocês”. Tendo essas duas possibilidades de interpretação, opta-se frequentemente pelo significado que mais se adequa ao contexto. Nesse caso, “entre vocês”<sup>34</sup> é uma tradução melhor, pois Jesus dirige essas palavras aos fariseus, que eram legalistas exibidos e destituídos de misericórdia, pois também o rejeitaram. Nesse caso, a NVI (Nova Versão Internacional) está muito bem traduzida - “porque o Reino de Deus está entre vocês”.

Com relação à presença do Reino entre os homens (entre vocês em Lucas 17.20<sup>35</sup>), também vale destacar que, em momento algum do seu ministério terreno, Jesus afirmou ou deu a entender que o Reino se tratava de uma experiência apenas interior<sup>36</sup>, antes, a presença do Reino estava relacionada a sinais e experiências externas (Lc 11.20).<sup>37</sup>

Um traço singular no anúncio de Jesus consiste no fato de que, para ele, o Reino de Deus, que vem e que está próximo, já está presente entre nós e dentro de nós<sup>38</sup>. No entanto, não se refere à presença geral de Deus (como no templo ou no tabernáculo), mas à presença já antecipada do futuro.<sup>39</sup> A presença geral de Deus, à qual se refere Schnelle, é aquela que ocorreu no templo,<sup>40</sup> enquanto que a presença antecipada do futuro significa que já podemos perceber os sinais de Deus aqui e agora.<sup>41</sup>

Schnelle, com relação ao Reino descrito nas bem-aventuranças, explica que “a pessoa corporalmente pobre, sem direitos, oprimida e impedida de determinar sua vida autonomamente pode somente esperar por misericórdia e ajuda de fora e que nessa situação de dependência incondicional, Jesus concede a participação no Reino de Deus”.<sup>42</sup> Essa é a

<sup>30</sup> VINE, William Edwy; UNGER, Merrill F.; WHITE JR, William (Orgs.). **Dicionário Vine**: significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 465.

<sup>31</sup> Novo Testamento Interlinear Grego-Português, 2004, p. 47.

<sup>32</sup> Lucas 10.18 (ARA).

<sup>33</sup> Novo Testamento Interlinear Grego-Português, 2004, p. 300.

<sup>34</sup> VINE; et.al., 2012, p. 544.

<sup>35</sup> SAYÃO, Luiz. **Bíblia de Estudo Esperança**: 365 perguntas e respostas sobre a vida e a morte desenvolvidas por Luiz Sayão. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 935.

<sup>36</sup> CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1516.

<sup>37</sup> ALMEIDA, Antônio. et al. **Bíblia Sagrada Harpa Sagrada**. Barueri: SBB; Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 1023.

<sup>38</sup> “Porque o Reino de Deus está entre vocês” (Lc 17.21, NVI).

<sup>39</sup> SCHNELLE, 2010, p. 114,115.

<sup>40</sup> 2 Crônicas 5.14: “E os sacerdotes não podiam permanecer em pé, para ministrar, por causa da nuvem; porque a glória do Senhor encheu a casa de Deus”.

<sup>41</sup> Mas, se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o reino de Deus. Lucas 11.20

<sup>42</sup> SCHNELLE, 2010, p. 115.

perspectiva do Reino presente. Aqueles que são excluídos, injustiçados e oprimidos pela sociedade, esses são recebidos no reino de Deus presente porque Ele não faz acepção de pessoas (Dt 10.17; At 10.34; Rm 2.11; Ef 6.9). O Reino presente está associado à pessoa de Jesus. Os que vem a ele são bem recebidos e passam a fazer parte do Reino presente. Schnelle também compreende que tanto o combate ao mal como as curas realizadas por Jesus testemunham a irrupção presente do reino de Deus. Isto é afirmado pelo autor a partir da análise de Lucas 11.20: “Mas se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o reino de Deus”.

Frank Thielman também partilha da mesma ideia com relação ao Reino presente. A partir de citações de Isaías em Marcos, ele afirma, em sua Teologia do Novo Testamento, que “a proclamação de Jesus sobre o Reino de Deus e o estabelecimento desse Reino mediante exorcismos, curas, e a alimentação de multidões eram sinais de que Deus, por meio dele (Jesus), visitara seu povo para efetuar a restauração”.<sup>43</sup>

Schnelle ainda menciona outras passagens para elucidar a ideia da presença do Reino de Deus. Dentre as tais, vale citar a mais relevante, Lucas 17.20,21: “Sendo Jesus interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, respondeu-lhes: O reino de Deus não vem com aparência exterior; nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Pois o reino de Deus está dentro de vós”. Schnelle ainda apresenta variações que ampliam a possibilidade de interpretação desse texto. Por exemplo: “O reino de Deus está interiormente em vocês”, “no meio de vocês”, o domínio de Deus está “à disposição de vocês” ou “dentro do âmbito das experiências de vocês”<sup>44</sup> ou também “ao seu alcance”.<sup>45</sup>

Bultmann também partilha a mesma ideia de Schnelle, ainda que de forma assaz reduzida. Ele entende que o reino de Deus irrompe no presente através do “aparecimento, atuação e pregação de Jesus”. Segundo Bultmann, Jesus “considera que o reino de Deus já irrompe no fato de Ele começar a expulsar, pelo poder de Deus que o preenche, os demônios, aos quais atribui, como acontecia em seu tempo, muitas doenças”. E na sequência cita a passagem de Lucas 11.20, e conclui que: “se ele (Jesus) arranca uma presa de Satã, é porque veio alguém mais forte que Satã”.<sup>46</sup>

É preciso destacar que Bultmann concebia a ideia de reino de Deus apenas como escatológico e não presente, pois, segundo ele, “tudo isso não significa que o reino de Deus já é presente; significa, porém, que ele está chegando”.<sup>47</sup> Por isso, vale esclarecer que, como acima citado, Bultmann entende o reino presente apenas de forma reduzida, ou seja, as passagens citadas por ele, apesar de serem as mesmas que os estudiosos mais atuais entendem como se referindo ao reino na temporalidade presente, Bultmann as compreende como sendo apenas apontamentos de um Reino que não veio, mas que virá. A forma reduzida do Reino na concepção bultmaniana é que o Reino somente virá; ele não está entre os

<sup>43</sup> THIELMAM, Frank. **Teologia do Novo Testamento**: uma abordagem canônica e sintética; Tradução de Rogério Portela e Helena Aranha. São Paulo: Shedd, 2007, p. 80,81.

<sup>44</sup> SCHNELLE, 2010, p. 117.

<sup>45</sup> CARSON, 2009, p. 1516.

<sup>46</sup> BULTMANN, 2008, p. 44.

<sup>47</sup> BULTMANN, 2008, p. 44.



homens, ou seja, não veio, não irrompeu nos moldes preditos por Jesus. As passagens bíblicas que declaram o Reino presente, na verdade, (segundo Bultmann) são apenas anúncios que apontam para o futuro.

Roy B. Zuck expõe o mesmo tema através de uma abordagem diferente. Para ele, o Reino de Deus está presente na pessoa e autoridade de Jesus. O autor cita (para embasar essa colocação) o Salmo 145.12 – “para que façam saber aos filhos dos homens os teus feitos poderosos e a glória do esplendor do teu reino”. Ele conclui que “no ministério de Jesus, o poder do Espírito dá expressão à autoridade de Deus e a demonstra”. Provavelmente, Zuck está se referindo aos milagres e sinais que Jesus evidencia em seu ministério.<sup>48</sup> Assim sendo, os membros do Reino são aqueles que se submetem ao governo de Deus – são servos, que realizam a vontade dEle.<sup>49</sup> Pelo mesmo viés, o autor acrescenta que João Batista tinha, como missão, preparar o coração do público para responder à mensagem e à pessoa de Jesus. Por isso, o arrependimento exigido por João é altamente necessário aos receptores da mensagem de Jesus.<sup>50</sup> O Reino de Deus é presente pela pessoa e anúncio de Jesus. Todos quantos almejam ser recebidos nesse Reino devem prontamente arrepender-se dos pecados, pois esta é a condição primária e favorável ao anúncio do Senhor.

### 3.2 O Reino Futuro

No sentido de futuro, o Reino de Deus pode ser entendido de forma escatológica, ou seja, a vinda do Reino em que Deus exercerá plenamente seu governo. “É importante notar, entretanto, que o Reino pode designar tanto a manifestação ou a vinda do governo de Deus como também o Reino escatológico no qual o governo de Deus é desfrutado”.<sup>51</sup> Com relação à perspectiva futura do Reino de Deus, Bultmann entende o Reinado de Deus, como um conceito escatológico,<sup>52</sup> ou seja, algo que - na forma descrita nos discursos atribuídos a Jesus - ocorrerá apenas no futuro, possivelmente por ocasião da segunda vinda. Bultmann ainda acrescenta que esse Reinado de Deus, que finalizará o atual curso do mundo,<sup>53</sup> ou seja, algo que irromperá de forma extremamente abrupta, surpreenderá a muitos. Esse mesmo Reinado destruirá tudo que é contrário a Deus, tudo que é satânico, tudo que agora faz o mundo gemer, e, pondo desse modo um fim a todo sofrimento e dor, estabelece a salvação plena para o povo de Deus, que espera pelo cumprimento das promessas proféticas”.<sup>54</sup> Para Bultmann, o Reino assim descrito por Jesus não veio<sup>55</sup>, ou não aconteceu e levanta uma curiosa questão: “Ante o fato de não se ter cumprido o anúncio da irrupção do Reino de Deus,

---

<sup>48</sup> Lucas 11.20.

<sup>49</sup> ZUCK, 2010, p. 39.

<sup>50</sup> ZUCK, 2010, p. 39.

<sup>51</sup> LADD, 2003, p. 91.

<sup>52</sup> BULTMANN, 2008, p. 41.

<sup>53</sup> BULTMANN, 2008, p. 41.

<sup>54</sup> BULTMANN, 2008, p. 41.

<sup>55</sup> BULTMANN, 2008, p. 61.

e que, portanto, a expectativa de Jesus do fim próximo deste mundo velho se revelou como um engano, surge a pergunta se sua concepção de Deus não foi uma fantasia”.<sup>56</sup>

Udo Schnelle cita algumas passagens do Novo Testamento<sup>57</sup> e explica o componente futuro da dualidade temporal do Reino da seguinte forma: 1) O segundo pedido do Pai Nosso, “Venha o teu Reino”, visa à manifestação da santidade, da glória e do domínio de Deus, que se revelará no futuro. 2) “Muitos virão do oriente e do ocidente, do Norte e do Sul, e reclinar-se-ão à mesa no reino de Deus”. Para Schnelle, essa afirmativa de Jesus soa como uma grave ameaça a Israel, pois aqueles que eram eleitos não podem mais contar sua ascendência como um tipo de graça especial de Deus. João Batista também segue na mesma direção, quando fala aos judeus na passagem de Mateus 3.9: “não presumais de vós mesmos, dizendo: temos por pai a Abraão...”. Isso significa basicamente que descender de Abraão não é suficiente<sup>58</sup>, antes é necessário se arrepender dos pecados.

A passagem de Marcos 14.25, “Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da videira, até aquele dia em que o beber, novo, no reino de Deus”. Schnelle mostra que “Jesus tinha provavelmente a esperança de que o Reino de Deus irrompesse tão prontamente que ele seria poupado do caminho que passava pela morte”.<sup>59</sup> Essa afirmativa de Schnelle parece um tanto equivocada, semelhante à posição de Bultmann, pois Jesus, como o Messias prometido, tinha consciência de sua natureza divina, bem como conhecia as profecias acerca da própria morte. Prova disso são as palavras dele mesmo aos discípulos no caminho de Emaús. Como se pode observar: “E ele lhes disse: Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! [Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas] e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, e por todos os profetas, [explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras]”.<sup>60</sup> Jesus tinha uma clara consciência sobre sua pessoa. As alegações que Jesus fez sobre sua própria pessoa não teriam sentido, se Ele não tivesse sobre si mesmo a clara noção de divindade.

Tudo indica que Ele sabia que era Deus, pois ele mesmo afirma: 1) Que os anjos eram seus, e os poderia enviar (Mt 13.41). Em Lucas 12.8,9 e 15.10, os anjos são chamados anjos de Deus. 2) Que o reino dos Céus (Mt 13.24,31,33,44,45,47), que é o reino de Deus (Lc 17.20), é também o seu reino (Mt 13.41). 3) Que julgará todos os homens, separando os bons dos maus (Mt 25.31-46; Lc 13.23-30). No AT, o Deus Todo-Poderoso é o único chamado de Juiz de toda a terra (Gn 18.25) e o único com prerrogativa de julgar as nações (Jz 11.27; Sl 75.7; Sl 82.8; Ec 11.9 e 12.4). Só Deus pode exercer tal autoridade e poder. 4) Ter autoridade pessoal no mesmo nível que a autoridade do AT (Mt 5.21,22,27,28). Nessas passagens, Jesus deixa claro ter autoridade para estabelecer novos ensinamentos, no mesmo nível da autoridade que era dispensada ao ensino de Moisés e dos profetas das Escrituras. 5) Ter poder para vivificar e ressuscitar os mortos (Jo 5.21). Somente Deus tem poder para vivificar os mortos. Jesus não

<sup>56</sup> BULTMANN, 2008, p. 61.

<sup>57</sup> Lucas 11.2 que Schnelle chama de fonte Q se referindo ao material exclusivo de Lucas. Também Lucas 13.29,30.

<sup>58</sup> CARSON, D. A. **O comentário de Mateus**. Tradução de Lena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2010, p. 133.

<sup>59</sup> SCHNELLE, 2010, p. 112,113.

<sup>60</sup> Lucas 24.25-27, grifo meu.

só alegou isso, como também ressuscitou diversas pessoas (Lc 7.11-15; Mt 9.18,19,23-26; Jo 11.17-44). Mas dos milagres do Novo Testamento, sem dúvida, a sua ressurreição foi o maior sinal (Mt 12.39). Deus é o autor da ressurreição de Jesus (At 2.24,32; 3.15; 4.10,5,30; 10.40,41; 13.30,37), e Jesus deixa clara sua consciência divina quando em seu ministério terreno ressuscitou algumas pessoas, sendo a ressurreição de Lázaro a mais evidente. Sobre ela, D. A. Carson faz uma referência a um comentário rabínico que atesta a crença recorrente da época em que se acreditava que a alma paira sobre o corpo da pessoa falecida por três dias tentando reentrar nele, mas, logo que percebe a mudança na aparência decorrente da decomposição, ela parte.<sup>61</sup> Após os três dias, nenhum profeta ou homem comum, por mais piedoso que fosse, poderia fazer alguma coisa, a partir daí, somente Deus era poderoso suficientemente para fazer algo a respeito. Pode-se perceber também que Jesus faz questão de aguardar que os três dias se cumprissem, pois a distância entre ele e Lázaro era de apenas “três quilômetros de Jerusalém”.<sup>62</sup>

O próprio Jesus discursa sobre sua passagem pelo sofrimento e morte, como bem se pode conferir: “Desde aquele momento Jesus começou a explicar aos seus discípulos que era necessário que ele fosse para Jerusalém e sofresse muitas coisas nas mãos dos líderes religiosos, dos chefes dos sacerdotes e dos mestres da lei, e fosse morto e ressuscitasse no terceiro dia”.<sup>63</sup> Jesus está ciente de que sua missão contém um final que envolve seu sacrifício pela humanidade. Parece improvável que Jesus, em algum momento, tenha hesitado quanto à sua missão como alguém receoso do futuro e que, com medo, tenta fugir.

George Eldon Ladd faz a mesma distinção que Joachim Jeremias sobre a vinda do Reino de Deus como encerrando um tempo e inaugurando outro. Para Ladd, “é importante notar, entretanto, que Reino pode designar tanto a manifestação do governo de Deus como o Reino escatológico no qual o governo de Deus é desfrutado”.<sup>64</sup> Ele também assimila a expressão “Reino de Deus” ao “Século Futuro”, também mencionado por Jesus.<sup>65</sup>

Uma concepção um tanto curiosa é a apresentação e explicação do Reino de Deus no Dicionário Bíblico Wycliffe. Segundo os autores:

(...) as parábolas do Reino (Mt 13) foram dadas para revelar o mistério de que o reino deve primeiro desenvolver-se espiritualmente e discretamente na Era do evangelho. (...) A última pergunta feita pelos discípulos do Senhor dizia respeito ao aspecto futuro do reino. (...) Uma vez que Ele não disse nada antes e nem nesta última reunião que mudasse seu conceito de convicção no que diz respeito ao reino milenial do Filho de Davi sobre o seu povo,

<sup>61</sup> CARSON, 2007, p. 411.

<sup>62</sup> Os textos tradicionais de Almeida como as versões Almeida Corrigida Fiel e Almeida Revista e Corrigida afirmam que a distância era de quinze estádios. A NVI traduz literalmente “três quilômetros”. Um estádio equivale a 185 metros; quinze estádios são, portanto, três quilômetros. Essa distância pode ser percorrida em menos de um dia (CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira e Viviam do Amaral Nunes. São Paulo: Shedd, 2007, p. 411).

<sup>63</sup> Mateus 16.21 (ARC).

<sup>64</sup> LADD, 2003, p. 91.

<sup>65</sup> Mateus 12.32 (ARC).

evidentemente eles estavam corretos sobre a natureza do reino, mesmo que ainda estivessem confusos sobre quando ele viria.<sup>66</sup>

Essa nota de Pfeifer sobre o Reino de Deus é interessante, pois, de alguma forma, ele aponta que o aspecto futuro do Reino diz respeito ao Milênio. Ora, em momento algum Jesus assimila o aspecto futuro pleno do Reino com o “Milênio”.<sup>67</sup> Quando os autores – Schnelle e Bultmann – abordam o aspecto futuro do Reino, entendem-no como escatológico, isto é, o Domínio pleno e absoluto de Deus que aniquilará as ações satânicas. Isso é compreendido melhor como o momento em que o Reino será absolutamente estabelecido e não como apenas um espaço de tempo com paz e bênçãos especiais.<sup>68</sup> Bultmann aponta para o Reino como escatológico, referindo-se ao Reino plena e absolutamente estabelecido.

Ladd afirma que a chegada do Reino de Deus significará a destruição total e final do diabo e de seus anjos (Mt 25.41), a formação de uma sociedade redimida que não se mistura com o mal (Mt 13.36-43) e a comunhão perfeita com Deus no banquete messiânico (Lc 13.28,29).<sup>69</sup> Aí está a ideia de que o Reino escatológico não se refere a um possível período específico de paz (Milênio), de perfeição, mas da vinda do reino em sua completude, com a extinção total do mal e o estabelecimento dos salvos na vida eterna.

De todos os autores estudados, Schnelle é o que fornece maior quantidade de informação sobre os principais temas neotestamentários – talvez por ter editado sua Teologia do Novo Testamento baseado nos autores históricos de Teologia, em que o próprio Bultmann é por ele citado com frequência, como podemos perceber pelo volume de sua obra, com 1111 páginas. Schnelle propõe uma observação alternativa sobre a dualidade temporal do Reino.

Além de comentar sobre o reino como futuro e presente, ele sugere uma interpretação como uma espécie de “elo” que liga o reino futuro ao presente: o Reino Presentemente Futuro. Ele explica que as passagens escriturísticas sugerem um reino presente/escatológico e também futuro/escatológico. Para ele, “a compreensão Jesuânica” do tempo, isto é, Deus, na pessoa de Jesus, é o elo de ligação entre o futuro escatológico e o presente escatológico. Ou, como ele mesmo conclui: “porque o futuro como domínio régio de Deus que está vindo já alcançou o presente”.<sup>70</sup>

Para Schnelle, Jesus anuncia um Reino que já veio e que também virá. Na pessoa de Jesus, o Reino irrompe e se inicia um novo período da história. Cristo também fala de um Reino que virá. O Reino escatológico presente foi expresso na pessoa de Jesus. O Reino escatológico futuro se refere aos acontecimentos sobre os últimos dias descritos pelos autores neotestamentários; esse período se inicia com a primeira vinda de Cristo e se encerra na segunda vinda.<sup>71</sup> Desta forma, o futuro escatológico já alcançou o presente, pois, segundo

<sup>66</sup> PFEIFER; VOS; REA, 2013, p. 1661.

<sup>67</sup> Milênio é um termo teológico baseado nos mil anos mencionados em Apocalipse 20.2-1. Segundo essa concepção teológica o milênio será uma época de bênçãos especiais, durante a qual satanás estará confinado, e o evangelho será propagado sem obstáculos (PFEIFFER; VOS; REA, 2013, p. 1272).

<sup>68</sup> PFEIFFER; VOS; REA, 2013, p.1272.

<sup>69</sup> LADD, 2003, p. 91.

<sup>70</sup> SCHNELLE, 2010, p. 118.

<sup>71</sup> Hebreus 1.2; 1 Pedro 1.20.

Schnelle, já vivemos os últimos dias, os dias que antecedem a segunda vinda do Senhor. Deus não está sujeito ao tempo, e o domínio de Deus não tem passado, mas tem seu tempo próprio: o futuro presente.<sup>72</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aspecto da dualidade temporal do Reino de Deus como parte da mensagem, da proclamação de Jesus, ajuda a compreender a base do Novo Testamento. As apresentações diversas do conceito de Reino e seus aspectos temporais de presente e futuro no Novo Testamento, principalmente nos evangelhos, nos ajuda a entender a intenção divina com relação à igreja. O conceito de Reino é altamente presente no Novo Testamento. Esse conceito proclamado pelo Senhor e ensinado pelos seus discípulos é entendido pela maioria dos teólogos de duas formas, como presente e futuro simultaneamente. Como foi apontado ao longo deste artigo, a perspectiva temporal futura do Reino é escatológica, segundo Rudolf Bultmann e George Eldon Laad. Escatológico no sentido de uma plenitude que será atingida futuramente, onde os salvos desfrutarão do governo de Deus em todos os aspectos.

O reino escatológico remete ao tempo da eternidade em que Deus reinará e seu reino jamais terá fim. Esse será o sentido mais pleno do Reino, isto porque, apesar da possibilidade de adentrar o Reino agora no presente, não é possível compreendê-lo em sua totalidade. Isso é percebido pela presença do mal no mundo, o que significa que Satanás ainda opera. Mas naquele Reino pleno futuro o mal já não existirá, nem morte, nem doenças, nem algum tipo de tristeza. Foi abordado também o aspecto presente do Reino, onde Roy B. Zuck aponta que os milagres de Jesus – curas e exorcismos – demonstravam que o dedo de Deus ali estava, e que, por isso, o Reino de Deus já estava entre eles. O fato de Jesus operar esses sinais aponta para a superioridade do poder de Deus. Se Jesus invade o “reinado” de Satanás neste mundo e expulsa os demônios de suas vítimas, significa que chegou alguém mais poderoso que ele e que é capaz de reduzir seu domínio a cinzas.

O Reino de Deus invade a história destronando Satanás e seus aliados. O arrependimento é apontado por Zuck como pressuposto para a admissão ao Reino presente, e a perseverança no desenvolvimento da comunhão é o pressuposto para a entrada no Reino futuro. O arrependimento dos pecados significa uma mudança de ideia, de atitude e de caminho. A condição de reconhecimento de que tudo aquilo que fora feito até agora deve ser deixado para trás. O reino de Deus como presente significa que já está entre os homens, e que, para fazer parte do mesmo, basta se tornar discípulo de Cristo. O Reino presente é parcial, isto é, não manifestado plenamente. Todavia, esta parcialidade do Reino não é menos importante que sua plenitude, pois indica que, assim como o Reino atua agora, será maior em grau e amplitude no futuro, de forma absoluta.

O fato de Jesus curar os enfermos e isto se tornar uma evidência da irrupção do Reino, pode dar uma pista de que o Reino futuro e absoluto será isento de doenças e sofrimentos físicos. O fato de Jesus expulsar demônios na era cristã significa que, quando o Reino definitivo

---

<sup>72</sup> SCHNELLE, 2010, p. 118.

se manifestar, será absolutamente livre da ação de Satanás e de seus súditos. O Reino como Presente e ao mesmo tempo Futuro, a princípio, pode parecer conflitante, porém, segundo a ótica dos teóricos abordados nesse artigo, suas diferentes noções podem ser conciliadas em alguma medida. Assim é possível considerar que o Reino de Deus possui dois aspectos temporais, presente e futuro. Mas, além dessas duas concepções temporais, ainda vale destacar o apontamento de Schnelle sobre o Reino presentemente futuro. De acordo com esse autor, o Reino escatológico anunciado por Jesus e pelos discípulos já desponta no horizonte e pode ter nos alcançado. Isto de forma alguma significa que esse Reino Futuro já chegou em sua plenitude, antes significa que, à medida que o tempo prossegue, aproxima-se cada vez mais dessa plenitude.

Schnelle ainda indica que o fato de Deus não estar sujeito ao tempo e ser presciente, permite chamar à existência as coisas que ainda não são, isto significa que o Reino será revelado plenamente no futuro, mas pela ótica divina, o Reino em sua plenitude é uma realidade inevitável. Assim sendo, o Reino em seus aspectos temporais é classificado como Presente, Futuro e Presentemente Futuro. Sendo que, do Reino futuro somente participarão aqueles que seguirem os ensinamentos de Jesus e obedecerem a sua vontade deliberada e conscientemente. É possível fazer parte do reino já, agora e também no futuro, na eternidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antônio. et al. **Bíblia Sagrada Harpa Sagrada**. Barueri: SBB; Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de estudo Almeida**. Barueri: SBB, 2013.

BOST, Bryan J. **O mistério do Reino de Deus**. São Paulo: Vida Cristã, 2007.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2008.

CARSON, D. A. **O comentário de Mateus**. Tradução de Lena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2010.

CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira e Viviam do Amaral Nunes. São Paulo: Shedd, 2007.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003.

LADD, George Eldon. **O Evangelho do Reino: Estudos Bíblicos sobre o Reino de Deus**. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2008.



NVI. **Bíblia do Ministro Com Concordância**: Nova Versão Internacional. Traduzida pela Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2007.

PFEIFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. 13 Impressão. Tradução de Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

SAYÃO, Luiz. **Bíblia de Estudo Esperança**: 365 perguntas e respostas sobre a vida e a morte desenvolvidas por Luiz Sayão. São Paulo: Vida Nova, 2011.

SCHNELLE, Udo. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Monika Ottermann. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

THIELMAM, Frank. **Teologia do Novo Testamento**: uma abordagem canônica e sintética; Tradução de Rogério Portela e Helena Aranha. São Paulo: Shedd, 2007.

VINE, William Edwy; UNGER, Merrill F.; WHITE JR, William (Orgs.). **Dicionário Vine**: significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

ZUCK, Roy B. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Lena Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.